

IS Working Papers

3.ª Série, N.º 60

Das fachadas à música
portuguesa: Uma reflexão
analítica sobre as
*Identidades e Paisagens
Urbanas*

Rui Saraiva
Sofia Sousa

Porto, outubro de 2017

Das fachadas à música portuguesa: Uma reflexão analítica sobre as *Identidades e Paisagens Urbanas*

Rui Saraiva

Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Sociologia, Portugal

E-mail: ruipauloms@gmail.com

Sofia Sousa

Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Sociologia, Portugal

E-mail: sofiarsousa22@gmail.com

Submetido para avaliação: junho de 2017 / Aprovado para publicação: outubro de 2017

Resumo

No decorrer da redação deste artigo foi possível adquirir uma nova interpretação da obra de Carlos Fortuna (1999) “Identidades, percursos, paisagens culturais: estudos sociológicos de cultura urbana”, nomeadamente no que respeita à justificação dada pelo autor sobre as *identidades e paisagens*. Sobre esta utilizamos, de certa forma, os mesmos conceitos com uma nova interpretação, a qual passa pela característica auditiva do Som (Música Portuguesa) e pelo aspeto visual/artístico da imagem de rua e das fachadas edificadas. Não colocamos de lado a informação teórica fornecida pelo autor, mas colocamos propomos uma nova forma de interpretar estas mesmas características das identidades e paisagens através de um conjunto de acontecimentos a que diariamente somos expostos e que caracterizam as cidades e as sociedades.

Palavras-Chave: Identidades, paisagens, música portuguesa, imagem.

Abstract

During the writings of this paper, it was possible to understand a new interpretation of the Carlos Fortuna (1999) book, “Identities, paths, cultural landscapes: sociological studies of urban culture”, especially regarding the author’s justification of *identities* and landscapes. On this interpretation of what is presented by Fortuna, we use, somehow, the same concepts with a new interpretation. In this way, it goes through the auditory characteristic of the sound (Portuguese music) and the visual/artistic aspect of the street image and the built facades. We do not put aside the theoretical information provided by the author, but we propose a new way of interpreting these

same characteristics of the *identities* and *landscapes* by a set of events to which we are exposed daily, thus allowing to characterize cities and societies.

Key words: Landscapes, Portuguese music, image.

1. Identidades

O sistema mundo capitalista que desde o século XVI se tem vindo a expandir parece que a cada dia que passa encontra dificuldades e percalços. A implosão desse modelo capitalista por um lado deu origem a uma homogeneidade e universalidade ao nível cultural, contudo, por oposição temos o surgimento de novas práticas e movimentos sociais que vêm contradizer esta homogeneidade. Fortuna (1999) refere na sua obra que “aumenta a dificuldade individual de situar e definir a identidade e a subjectividade pessoais. Somos universalistas ou particularistas? Vivemos juntos em mundos separados ou, ao contrário, vivemos separados num único mundo? Somos guiados por um espírito global de identificações espúrias, ou fiéis a crenças identitárias de inter-conhecimentos, espessos e duradouros?” (Fortuna, 1999:12). Estas questões que são apontadas pelo autor tornam-se essenciais para a análise deste artigo, ou seja, em que medida é que as questões das identidades podem ser vistas como sendo universalistas ou particularistas e, inclusive, qual a sua aplicabilidade à cena musical, pois também nos damos conta de musicalidades universalistas/generalistas bem como particularistas/elitistas ou relativas a grupos sociais com certas especificidades.

Ao analisar o processo de construção da identidade, podemos desde logo mencionar que a questão da comunidade é um elemento essencial no que concerne a criação da mesma, contudo existe um processo subjacente de dualidade e oposição entre identidade e comunidade (Fortuna, 1999). Se atendermos ao processo de globalização que já tem vindo a ser abordado de diversas formas, denotamos uma dicotomia entre o que é global e o que é, de facto, local e, por isso, questionamos até que ponto podemos definir a nossa identidade como sendo local ou localizada num determinado tempo e espaço ou se, ao invés, essa mesma identidade, que é construída paradoxalmente com a comunidade, não será global.

Atendendo que a cidade é encarada como sendo geradora de um conjunto de novas mentalidades e estilos de vida, e é na cidade enquanto espaço de interação, que se verificam as diferenças de identidades, distintas formas de apropriação e múltiplas representações acerca do que é visto. Neste campo, podemos refletir e mencionar a título de exemplo as rivalidades que existem entre certas cidades, desde o caso entre Porto e Lisboa e a luta pela compreensão do sotaque, até a pequenos traços caracterizadores como as festas populares. Dentro deste nicho das festas populares, é possível ter como exemplo, relativamente ao tópico das identidades e aos signos

culturais, as Bugiadas e as Mouriscadas¹, que se centram na representação de uma lenda que narra a disputa entre cristãos e mouros pela posse da imagem de S. João. Assim sendo, além do seu caráter religioso – também ele um fator de agregação de comunidades e de construção de identidades de pertença –, assinala-se o caráter social e cultural do único dia em que as rivalidades de outrora sobressaem, nascendo o sentimento de defesa do seu título – Bugios ou Mouriscos – e sendo, por si só, um forte elemento de promoção e construção identitárias. Dentro deste tópico das festas populares, a música assume um papel importante no que concerne a caracterização das mesmas e inclusive de pertença identitária, salientando o aspeto da ligação/relação com determinado género musical, demonstrando que existe uma correlação entre tradições populares e música “tradicional” – a título de exemplo podemos mencionar grupos sociais que são criados dentro deste contexto, tais como os grupos de folclore que permitem aproximar a música e a tradição dando origem a relações bilaterais.

Neste sentido, as músicas “tradicionalistas” portuguesas ligam-se, como veremos posteriormente no desenvolvimento deste artigo, à questão das paisagens sonoras (Fortuna, 1999: 106) como uma forma de promoção identitária individual que, em parte, é local mas que simultaneamente se demonstra como algo que transcende fronteiras geográficas, pois o som estabelece uma relação íntima com o *movimento* – este que incita mudanças “na estrutura molecular em redor da pessoa ou objeto que se move, propagando-se no espaço, por ondas sucessivas, até ao nosso ouvido” (Fortuna, 1999: 56).

Alguns contributos teóricos afirmam que os indivíduos já não criam representações sociais e nem se apropriam destas da mesma forma – a chamada *errância cultural* de Mozzicafredo (1987) – e como consequência, as sociedades acabam por ser ocupadas por indivíduos cujas identidades são efémeras e fragmentadas. Fortuna (2013) fala de um novo tipo de identidades, ou seja, de uma recomposição que deriva da apropriação de diversos lugares, tempos, agentes e referentes. Além da questão espacial e temporal que são fulcrais para a compreensão destes processos, devemos ter em atenção todos os outros que também contribuem para a dita recomposição. O espaço é composto por objetos e signos culturais, sendo que se torna importante perceber quais são os que servem de modelo de referência para os atores sociais e de que forma estes são um marco na criação e construção de uma identidade, havendo assim inclusive multiplicidade e variedade de significações.

¹ Festa de S. João de Sobrado, Valongo, também designada como Bugiada e Mouriscada, é uma manifestação cultural que se enquadra nas festividades populares e nas festas ou danças de mouros e cristãos. Trata-se de uma manifestação cultural multidimensional e de grande densidade simbólica.

As ruínas e outros exemplares do património histórico são espaços que também suportam a transformação da identidade dos sujeitos (Turner, 1969). A visita às cidades e aos seus lugares históricos pode significar uma transição, em que os indivíduos aos seus olhos se veem como não tendo nada de seu. Fortuna (1999) refere uma atitude *flâneur* do visitante das ruínas e “preferência pelas expressões estéticas imediatas, mais do que pelos conteúdos, acima de quaisquer outros critérios, a livre manipulação que faz do significado histórico da ruína [...], a que se acrescenta uma gestualidade descomprometida, são elementos que sustentam a hipótese de que a visita à ruína da cidade contém sinais que, parcialmente, remetem para uma espécie de atualização da carnavalização do quotidiano” (Fortuna, 1999:35). Este ponto que é referido face aos indivíduos não verem as ruínas como sendo suas talvez seja mais evidente no país de origem pois é incutido aquele sentimento de que “já foi visto” ou já é familiar ao sujeito; por contraponto, se este viajar, mais facilmente terá como *seu* o património arquitetónico de outro país.

Por fim, importa salientar a ideia que tanto os museus como os aspetos culturais e históricos que simbolizam uma cidade, emergem de um mundo de múltiplas representações que interferem com as nossas, designadamente aquilo que é referente ao passado ser apropriado no presente pelos indivíduos para ser alvo de uma estetização. Obviamente que podemos questionar a forma de apropriação e a ligação que os habitantes, por exemplo, da cidade do Porto possuem com os monumentos ou outro tipo de património material, como é o caso da reabilitação ou reestruturação de determinados espaços para, agora, estarem direcionados para o consumo e produção musical, como é o caso do Mercado Ferreira Borges² que alberga um dos principais polos de atração, produção e reprodução musical que é o Hard Club, sendo que este é multifacetado em termos de género musical e públicos que usufruem deste.

Ainda referente às identidades, a cena musical também se revela essencial, na medida em que a música é uma forma de expressão cultural, dado que a nossa identidade como um todo engloba uma comunidade, existindo, por sua vez, uma cultura intrínseca à sociedade. Tomemos como exemplo a banda portuense Trabalhadores do Comércio, cujos títulos das faixas musicais tais como “táquetinho ou lebas nu fucinho” justificam que em si tenha recaído a nossa escolha, já que os mesmos representam a pronúncia do norte, um apelo às raízes, à identidade da banda enquanto portugueses e do norte. O mesmo acontece com a mítica “Pronúncia do norte” dos GNR. A música torna-se, portanto, num instrumento poderoso de criação e molde de identidades,

² Edifício construído em 1885, como substituto do antigo Mercado da Ribeira. É hoje utilizado para exposições e feiras de âmbito cultural, apesar de nunca ter sido utilizado nas suas funções iniciais este é explorado por instituições privadas e tornou-se conhecido por Hard Club, servindo assim como um espaço cultural, passando por ele concertos, exposições, feiras do livro, música e serve, inclusive, como estúdio.

através do qual se pode perceber um pouco de contextos e quotidianos, neste caso dos anos 80 e não só em Portugal, e por tal uma mescla de traços identitários, agora reportados à atualidade.

Muitas músicas por vezes possuem um caráter de crítica social e relato dos acontecimentos, como acontece com a faixa “Portugal na CEE” dos GNR; ou podemos encontrar um pendor histórico ou de historicidade portuguesa através da banda In Loco com a faixa “Já não Há heróis”, na qual se procura retratar os períodos e marcos históricos importantes da história mundial, como se vê no excerto abaixo.

*Roubos, massacres, mortes, sacrilégios,
deitaram abaixo,
Maias, Incas!
Já não há heróis.
Heróis que consigam
levantar a moral,
dos impérios caídos.*
In loco - Já não há heróis (2002)

Connell e Gibson quando afirmam: “É uma verdade que a música foi largamente ignorada na geografia humana” (2004: 343), procuram destacar uma certa linha de pensamento e de interligação entre o contexto geográfico, em que se formam e constroem identidades, e uma música ou género/cena musical. Apesar do crescimento da música globalizada - a que é transmitida em todas as estações de rádio -, continua a persistir um sentimento de pertença aos clássicos portugueses que tão bem retrata(va)m o país, o seu quotidiano e o contexto económico, político, social e cultural contrariamente e por oposição a uma crescente desterritorialização, comodidade e identidades culturais (Connell & Gibson, 2004).

Ainda tendo em linha de conta as considerações do autor acerca desta economia-mundo “Universalismo, progresso e civilização são, portanto, uma construção cultural que acompanha, descreve e justifica a edificação de uma economia que hoje abrange todo o globo [...]” (Fortuna,1999:13). Deste modo, as construções culturais de gostos e representações que se tornam globais e elementos fundamentais identitários particulares e a instrumentalidade que estes possuem verificam-se na sua capacidade de distinguir aquilo que é diferente e, posteriormente, aderir, aceitar ou rejeitar e resistir. Estes paradoxos de aceitação e rejeição de elementos tornam-se vitais para a análise do gosto, procura e oferta de produção musical. Além das simbologias e significações que as músicas podem ter para os indivíduos, atendendo que estamos a abordar e a analisar o sistema capitalista, comum a um globo, devemos atender às

lógicas de produção, procura e oferta, sendo que o mercado musical é um dos que mais gera riqueza.

2. Paisagens

Ao incluirmos as paisagens como um fator analítico das identidades e daquilo que define os indivíduos, estamos para além da questão visual propriamente dita – beleza das cidades ou do rural. De acordo com Gordon Cullen (1983), a paisagem urbana é a arte de tornar coerente e organizado visualmente o complexo de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano. O autor avança com alguns exemplos, como uma rua ou uma avenida em linha reta, cuja perspetiva visual pode ser assimilada como sendo monótona ou então grandiosa. O exercício de aplicar esta perspetiva de Cullen (1983) ao tecido urbano portuense, implica que relevemos que o Porto é maioritariamente constituído por grandes retas e, sobretudo, por encruzilhadas de ruas que acabam por conferir ligações a pontos centrais transitórios; este conceito de paisagem pode operacionalizar-se se tomarmos como exemplo a conhecida Avenida dos Aliados, a qual é constituída por duas retas que dão acesso à Câmara Municipal do Porto.

Ainda relativamente à paisagem, Cullen (1983) refere como um fator de importância as reações do sujeito em relação à sua posição no espaço, contemplando, aqui, o que pode designar-se por espaços transitórios. No Porto, um marco de um espaço transitório é a Ponte Luís I (apelidada e conhecida como de D. Luís), uma vez que quando atravessada, é apresentada ao sujeito a possibilidade de estar entre dois espaços – Ribeira do Porto e Ribeira/Cais de Gaia. Este aspeto de transição de facilidade de mobilidade de um espaço urbano para outro provoca sensações relativamente aos mesmos, sendo que um outro fator de relevância – que não podemos descartar – que Cullen (1983) menciona na sua obra: o conteúdo, isto é, as cores, texturas, escalas e estilos que caracterizam edifícios e setores da malha urbana.

Se avançarmos para o núcleo central do Porto, vemos as casas coloridas e as fachadas em mosaicos e marcadas com diversas formas artísticas, desde a Rua das Flores, à Estação de São Bento e passando pela Cordoaria com as suas míticas estátuas “Treze a rir uns dos outros” de Juan Muñoz em bronze. Contudo, por oposição temos a Rua Escura, caracterizada pela falta de luz e pela incrível proximidade que se verifica, ao avançar pela mesma, de uma casa para outra.

As paisagens não são apenas descritas pelo aspeto visual, podendo-se igualmente adotar uma abordagem musical para as descrever. A música também é um

instrumento de criação paisagístico, quer seja pelas atuações de rua - que têm vindo a aumentar exponencialmente no Porto -, quer pelas músicas que já foram feitas noutros tempos. No início dizíamos que as paisagens constroem a identidade, então se assim o é, a música ao retratar as paisagens também permite a construção ou reativação de uma memória relativa a uma paisagem.

*Quem vem e atravessa o rio
Junto à Serra do Pilar
Vê um velho casario
Que se estende até ao mar
[...]
Por ruelas e calçadas
Da Ribeira até à Foz
Por pedras sujas e gastas
E lampiões tristes e sós*
Rui Veloso - *Porto Sentido* (1986)

Utilizando como base teórica o pensamento de Paul Rodaway (in Fortuna, 1999) e as análises do mesmo que incidiram sob o trabalho musical de R. Murray Schafer, que permitiram a conceptualização de *campo sonoro* e *paisagem sonora*. Acerca do primeiro conceito de campo sonoro, o autor refere que este é constituído por uma expressão acústica sendo que a sua origem pode ser material ou imaterial, bem como, híbrida e até mesmo desterritorializada. Logo, o foco deste campo sonoro é a propagação de uma certa sonoridade que se torna desconhecida na sua origem. Quanto ao outro conceito de paisagem sonora, Rodaway (1994) apresenta o mesmo como sendo um ambiente sonoro multifacetado que envolve diferentes sujeitos/recetores – “Dito de outra maneira, enquanto os campos sonoros fazem destacar a acção de produção/emissão de sonoridades, as paisagens sonoras referem-se ao acto da sua apropriação/recepção e aparecem, assim, capazes de reterritorializar e tomar específica a acústica indiferenciada do campo sonoro” (Fortuna, 1999: 107).

Retomando a ideia inicial do artigo da globalização e dos avanços tecnológicos que a mesma implicou, a música torna-se algo socialmente acessível, na medida em que a mesma é despida de privilégios e de lugares específicos de produção, tornando-a acessível às massas, ou seja, a música outrora elitista torna-se massificada. Indissociável da música é o espaço e o tempo, sendo que Almeida (In Fortuna, 1999) apresenta a mesma como “desumanizadora” da convivialidade urbana, isto é, todos os espaços sociais são invadidos pela música como componente de uma “bruma sonora” (Fortuna, 1999: 108), havendo uma continuidade que não é quebrada. Como exemplificação destas ideias e conceitos, é apresentada a especificidade de ruas como as Galerias de Paris, no Porto, que são o epicentro musical e até da promoção da criação da dita bruma sonora referida previamente.

“O som excessivo e as paisagens sonoras da cidade podem, na verdade, fazer diminuir os indivíduos e tornar insignificante a sua história” (Fortuna, 1999:108), retomando esta citação, a problemática do som excessivo, temos como mote explanatório as discotecas e – mantendo a temática musical dos anos 80 – apresentamos um espaço específico que é conhecido e reconhecido pelos indivíduos como um espaço com particularidades musicais, neste contexto, música dos anos 80. Assim sendo, além das suas especificidades sonoras, torna-se num espaço de convívio e de lazer onde podem ser criadas relações sociais, onde os indivíduos podem reavivar memórias do passado e criar novas narrativas, sendo que através deste exemplo é dado o mote para a importância dos odores na construção de uma imagem social e pessoal destes espaços.

“Mas o que são os odores? São constituídos por moléculas voláteis que, captadas por minúsculas células recetoras (cílios), se instalam na mucosa nasal” (Fortuna, 1999: 95). Apesar dos odores possuírem uma explicação científica, existe muito mais que os caracteriza e altera, sendo influenciados pelos indivíduos e influenciadores dos mesmos. Nesta ótica, o autor descreve e analisa a importância cultural do olfato, uma vez que este aspeto biológico do ser humano possui influência sobre a memória, emoções e sentimentos. Logo, se estes têm a capacidade de exercer influência sobre as memórias, e por sua vez sentimentos, vão alterar a forma como os indivíduos se relacionam com os factos culturais, isto é, com a atribuição de significados ao espaço por parte dos mesmos alterando assim a realidade social (Guerra & Quintela, 2007). Como foi dito anteriormente, se antes os cheiros tinham uma conotação negativa, estando diretamente relacionados com a proliferação das doenças e falta de higiene, hoje em dia, se formos a analisar tal categoria – tendo em conta o turismo e o acesso que adveio da globalização às cidades – os cheiros e os odores remetem para sentimentos de alegria, atração pelo espaço e estímulo emocional.

Existe, ainda, uma dicotomia entre os odores individuais e os odores coletivos. Por vezes, o cheiro pode acentuar sentimentos positivos – de paixão inclusive – mas também sentimentos de indiferença, o que demonstra que os odores não podem ser categorizados de forma estanque como sendo “bons” ou “maus”, já que lhes podem ser associados sentimentos positivos, negativos, de indiferença e mistos (Guerra, 2015). Os odores são uma forma de passar uma mensagem, que vai ser recebida, interiorizada e interpretada por outrem – por vezes no âmbito das paixões e das conquistas.

Por fim, na nossa análise resta abordar a parte das sonoridades e dos ambientes sociais urbanos, sendo esta temática alvo de diversos estudos em múltiplas áreas disciplinares tais como as ciências sociais, arquitetura e até marketing.

Neste âmbito, toma-se como referência Simmel (In Fortuna, 1999), que salienta notavelmente: “o nosso sentido de audição não pode senão oferecer uma revelação parcial dos seres humanos e, assim, da sociedade, pois que autoriza apenas uma interpretação momentânea daqueles, delimitada pelo tempo em que se manifestem e fazem reconhecer sonoramente, a sua presença”. Os sons são, assim, um dos elementos essenciais para a criação de uma consciência coletiva, os quais, por sua vez, permitem a comunicação entre os sujeitos. Os indivíduos criam mapas de sonoridades que lhes permite refletir sobre a cidade, havendo diversidade de significados e sentidos consoante as representações que cada uma cria.

*Outra vez vim de Lisboa
Num comboio azarado
Nem máquina tinha ainda
E já estava atrasado
Dei comigo agarrado
Ao ponteiro mais pequeno
E tu de certeza à espera
Rebolando-te no feno*

Xutos e Pontapés – *Para Ti Maria* (1988)

Desfecho

Com a redação deste artigo tornou-se possível compreender de uma outra forma a formulação teórica de Carlos Fortuna apresentada em *Identidades, percursos, paisagens culturais: estudos sociológicos de cultura urbana*. Partindo dos exemplos teóricos que o autor nos oferece, conseguimos compreendê-los através de algo característico das cidades portuguesas e da cultura nacional, nomeadamente entender as identidades através da Música Portuguesa e de outros elementos, tais como as paisagens urbanas, a importância das fachadas e o que estas pretendem dar a conhecer e significar tanto para o visitante como para o habitante.

Efetivamente, as fachadas e ruínas da cidade urbana fornecem-nos representações visuais dos acontecimentos e das vidas quotidianas de uma cidade (Costa & Guerra, 2015). Um dos exemplos usados neste mesmo artigo foi o caso da reabilitação/requalificação do Mercado Ferreira Borges (Hard Club), que mantém as suas fachadas que possuem um significado para um segmento da população, bem como uma certa dualidade pois, para uma população mais jovem por exemplo, ao mesmo é associado a produção e consumo musical eclético., logo este espaço representa *in loco* a nostalgia de algumas tradições perdidas no tempo, mas imortalizadas na paisagem da cidade e readaptadas de acordo com os avanços sociais e mudanças na malha urbana.

Por seu turno, ainda, perspectiva-se a Música, e em especial a Música Portuguesa, como algo representativo e identitário da própria cultura e sociedade, ou seja, para além de se constituir como forma de expressão artística, é igualmente um caminho e método para compreendermos o pensamento e sentimentos sobre determinadas épocas, demarcando-se como um instrumento significativo para a investigação e interpretação sobre a temática das *Identidades* e das *Paisagens* e tudo o que as caracterizam e constroem.

Referências

- Connel, J.; Gibson, C. (2004). World music: deterritorializing place and identity. *Progress in Human Geography*. New South Wales: Geography Program, Faculty of the Built Environment, University of New South Wales, pp. 342-361.
- Costa, P.; Guerra, P. (2015) – Cenas musicais, comunidades, identidades e culturas urbanas [Music scenes, communities, identities and urban cultures]. Número Temático. *Cidades, Comunidades e Territórios*. N.º 31. URL: <http://revistas.rcaap.pt/cct/issue/view/635/showToc>
- Cullen, G. (1983). *Paisagem urbana*. São Paulo: Martins Fontes.
- Fortuna, C. (1999). *Identidades, percursos, paisagens culturais: Estudos sociológicos de cultura urbana*. Oeiras: Celta Editora.
- Guerra, P. (2015). Flying away: electronic dance music, dance culture, psytrance, and new sounds in Portugal. In Simão, E.; Silva, A. M. da; Magalhães, S. T. de (eds.). *Exploring psychedelic trance and electronic dance music in modern culture*. Hershey: IGI Global, pp. 307-336.
- Guerra, P.; Quintela, P. (2007). A cultura como alavanca de inclusão e de participação social: uma nova geração de políticas públicas de proximidade. *Atas do First International Conference of Young Urban Researchers*, Lisboa, 11-12 junho 2007. CIES - Centro de Investigação e Estudos em Sociologia. URL: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/53670/2/75021.pdf>
- Mozzicafreddo, J. (1994). Estado-Providência em transição. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 16, pp. 11-39.
- Simmel, G. (1981). Essai sur la sociologie des sens. *Sociologie et épistémologie*. Paris: PUF.
- Turner, V. (1969). *The ritual process: Structure and antistructure*. Nova Iorque: Aldine.

Discografia

- In Loco (2002). *Já Não Há Heróis* (CD). Lisboa: Ovação.
- Rui Veloso (1986). *Rui Veloso* (CD/LP). Lisboa: EMI.
- Xutos & Pontapés (1988) *Para Ti Maria*. 88 (LP). Lisboa: Polydor.

IS Working Papers

3.^a Série/3rd Series

Editora/Editor: Paula Guerra

Comissão Científica/ Scientific Committee: João Queirós, Maria Manuela Mendes, Sofia Cruz

Uma publicação seriada *online* do

Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Unidade de I&D 727 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

IS Working Papers are an online sequential publication of the

Institute of Sociology of the University of Porto

R&D Unit 727 of the Foundation for Science and Technology

Disponível em/Available on: http://isociologia.pt/publicacoes_workingpapers.aspx

ISSN: 1647-9424

IS Working Paper N.º 60

Título/Title

“Das fachadas à música portuguesa: Uma reflexão analítica sobre as *Identidades e Paisagens Urbanas*”

Autores/Authors

Rui Saraiva

Sofia Sousa

Os autores, titulares dos direitos desta obra, publicam-a nos termos da licença Creative Commons

“Atribuição – Uso Não Comercial – Partilha” nos Mesmos Termos 2.5 Portugal

(cf. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/pt/>).